

## Na contramão

Valéria, ainda atordoada, buscava explicações para o que acabara de acontecer. O policial de bigode e sorriso sardônico, examinando-a de cima a baixo, aumentava ainda mais seu nervosismo. Prontamente, arrumou o decote da blusa com a mão esquerda, fazendo questão de mostrar a aliança. O outro, mais velho, ofereceu-lhe um lenço para que enxugasse as lágrimas.

Sua vida iria mudar muito depois daquele dia, divagava ela. Nos últimos anos, assumira tantos compromissos, que se percebia cada vez menos jovem. Mas agora, o que sentia era uma espécie de maturidade com sabor de adolescência, o sabor do desconhecido, talvez.

O policial de bigode ofereceu água. Ela não aceitou, pois o que via por trás do copo, era um desejo muito maior que o de matar a sede. Afastou-se dele.

Que ótima maneira de se terminar a semana, suspirou com ironia. Ainda bem que ninguém havia se machucado e isso agora era o mais importante. E o André, por que demorava tanto para chegar? Susto, muita, pontos na carteira, o seguro que há um mês havia vencido e ainda ter de ouvir comentários de uns machistas, que junto a outros curiosos, se aglomeravam no local:

--Só podia ser mulher, só podia...

--Mulher no volante, chapeação num instante.

Pobre Chevette. Havia quitado a última prestação há quinze dias e agora, lá estava ele, sendo arrastado pelo guincho. Mais despesas, e ainda mais agora.

A viatura da PM ficou estacionada no meiofio, onde os dois policiais se escoraram, à espera. O de bigode aproximou-se de Valéria, com seu olhar malicioso. Ofereceu-se para chamar um táxi.

-- Obrigada, meu marido já está chegando.

Ofereceu um cigarro.

-- Não fumo. (A sua mais nova resolução depois da novidade.)

Por último, ofereceu um cartão, com o nome e telefone particular.

-- Se precisar de alguma coisa..., falou olhando de um jeito que a fez sentir-se nua e enojada.

O celular tocou. Era André, nervosíssimo.

-- É verdade mesmo o que o Márcio me contou, Valéria, ou você está ficando louca?

-- É sim, mas André, escuta...

-- Não tem explicação. Estragou muito o Chevette?

-- Eu não sei, mas acho que...

-- Puta que pariu! Vê se acorda antes de sair de casa! Como conseguiu entrar nessa contramão? Onde estava com a cabeça?

E ela chorava ao telefone, sob o olhar complacente de uma velhinha que insistia em ser útil, abanando-a com seu leque.

--André, para com isso! Acidente pode acontecer com qualquer um. Deixa de ser estúpido!

--Meu Deus do céu! Não tem como entrar na contramão aí no centro, ao menos que o cara seja cego ou doente da cabeça! Mais prejuízo, é só isso que eu posso esperar de ti, né...

Então, o choro de Valéria foi cessando para dar lugar a uma raiva incontida. Irritada, pediu sem muitos modos que a velhinha e seu leque rococó a deixassem em paz.

--E o pior é que nós vamos ter que pagar também o carro da polícia.

--Carro da polícia? Como assim? Prefiro pagar o dobro da multa, mas não dou suborno prá alimentar a...

-- André... Eu bati no carro da polícia.

-- O quê?!

Depois disso, desligou o telefone, aliviada por ter contado tudo. Ia ser barra aguentar a ranzinze de André, mas não queria brigar com ele. Ainda mais agora.

Cinco minutos depois, ele chegava de carro. Bufando. A maneira como bateu a porta ao descer e a expressão do rosto, fizeram Valéria ter certeza que vinha chumbo grosso pela frente. Entretanto, em seis anos de casamento, ela já tinha adquirido blindagem suficiente e armas maravilhosas, capazes de transformar artilharia pesada em balas de goma.

André chegou perto de Valéria, mas não conseguiu falar nada. Estava muito transtornado. Pegou-a pelo braço, arrastando-a para o carro. Ela ainda esboçou um queixume. André não lhe deu ouvidos. Abriu a porta e empurrou-a para dentro. Valéria ficou com medo; achou até que iria apanhar.

Porém, quando ele a olhou, pronto para recomeçar a ladainha, Valéria puxou da bolsa um envelope, e oferecendo-lhe o mais lindo dos sorrisos:

-- Amor, estou grávida!

André colocou as mãos na cabeça e apoiou-se no volante.

Olhou sério para Valéria, que confirmava com a insistência do sorriso. No mesmo instante, a fortaleza desvaneceu, em meio a um choro convulsivo de criança arrependida.

A velhinha do leque, que observava a tudo de longe, aproximou-se, sempre querendo ajudar. Ao ver o homem soluçando, com a cabeça recostada no colo da mulher, percebeu que tudo estava bem e tranquilizou-se num suspiro.

Logo depois, André arrancava o carro, suavemente. A mão direita, sobre a barriga de Valéria. A cabeça dela, apoiada em seu ombro. Voltavam para casa.

Vendo-os passar, a velhinha, parada na esquina, quase enfartou e não pôde conter um grito; abanava-se freneticamente e corria atrás do carro, em desespero:

-- Ei moço! Cuidado! Aí é contramão!